

CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA DE GONZÁLEZ REY PARA ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES
CONTRIBUCIONES DE LA EPISTEMOLOGÍA CUALITATIVA DE GONZÁLEZ REY PARA ESTUDIOS TRANSDISCIPLINARES
CONTRIBUTIONS OF GONZÁLEZ REY'S QUALITATIVE EPISTEMOLOGY TO TRANSDISCIPLINARY STUDIES

<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166100>

Juliana de Fátima Pinto e Ana Paula Paes de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a utilização da Epistemologia Qualitativa de González Rey como alternativa para a construção de estudos transdisciplinares. A partir do objetivo proposto, abordamos a transdisciplinaridade e os seus fundamentos, discutindo quais são os caminhos para a construção de uma nova ciência. Além disso, debatemos os conceitos de complexidade, para em seguida evidenciar como a abordagem adotada pelo autor e seu entendimento de subjetividade e de pesquisa qualitativa dialogam com tal perspectiva. Verifica-se que o pensamento de González Rey aponta para uma possibilidade de elaboração transdisciplinar, pois aborda os seus pilares metodológicos: a complexidade e a lógica do terceiro incluído se fazem presentes em suas obras, sendo que o autor também caminha em direção ao entendimento de níveis de realidade. Além disso, ao romper com a simplificação do sujeito e qualquer tipo de dogmatização, o autor estabelece um caminho para a realização de uma pesquisa que questiona os estudos hegemônicos.

Palavras-chave: transdisciplinaridade; complexidade; subjetividade; pesquisa qualitativa.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la utilización de la Epistemología Cualitativa de González Rey cómo alternativa para la construcción de estudios transdisciplinares. A partir del objetivo propuesto, abordamos la transdisciplinariedad y sus fundamentos, discutiendo cuáles son los caminos para la construcción de una nueva ciencia. Además, debatimos conceptos de complejidad, para en seguida evidenciar cómo el abordaje adoptado por el autor y su comprensión de subjetividad y de investigación cualitativa dialoga con tal perspectiva. Se verifica que el pensamiento de González Rey apunta para una posibilidad de elaboración transdisciplinar, pues aborda sus pilares metodológicos: la complejidad y la lógica del tercero incluido se hacen presentes en sus obras, siendo que el autor también camina en dirección a la comprensión de niveles de realidad. Además, al romper con la simplificación del sujeto y cualquier tipo de dogmatización, el autor establece un camino para la realización de una investigación que cuestiona los estudios hegemónicos.

Palabras clave: transdisciplinariedad; complejidad; subjetividad; investigación cualitativa.

ABSTRACT

This paper aims to reflect about the use of González Rey's Qualitative Epistemology as an alternative to the construction of transdisciplinary studies. From this proposal, it was showed the transdisciplinary and its foundations, discussing the ways to build a new science. In addition, it was debated the concepts of complexity to then evidence how the approach taken by the author and his subjectivity and qualitative research understanding dialogue with such perspective. This article observes that González Rey's thought is a possibility for a transdisciplinary study because it approaches the methodological pillars: the complexity thinking and the Hidden Third are present in his works, and the author also walks towards the understanding of levels of reality. In addition, the author breaks up with the subject simplification and any kind of dogma, and establishes a path for conducting a research that questions the hegemonic studies.

Keywords: transdisciplinary; complexity thinking; subjectivity; qualitative research.



Introdução

O século XII deu início às rupturas cosmológicas, antropológicas e epistemológicas entre os estudiosos na Europa. Houve, nos séculos posteriores, uma migração da visão tradicional para a abordagem teórica do conhecimento, mais racional e empírica (Sommerman, 2006). Até o século XIII a contemplação, o êxtase e a revelação eram considerados as faculdades cognitivas que levavam ao conhecimento verdadeiro. A ruptura cosmológica e antropológica acontece com a inserção do pensamento aristotélico nas universidades. No século seguinte ocorre ainda uma segunda separação, entre razão e fé (Sommerman, 2006).

Nos idos dos séculos XV, XVI e XVII, essas rupturas promoveram o afastamento entre a tradição, a filosofia, a religião e a ciência, levando intelectuais como Copérnico, Bacon, Galileu e Newton a criarem os fundamentos da ciência moderna, enfatizando os métodos quantitativos e os experimentais. O último século citado também é marcado pelo racionalismo cartesiano, que modifica a ordem tradicional do conhecimento filosófico e, a partir do século XIX, o positivismo emerge na perspectiva dos estudiosos ocidentais (Sommerman, 2006).

Desse modo, a epistemologia tradicional, que era multidimensional, perdeu espaço para o racionalismo, que é bidimensional por considerar a matéria e o espírito. O empirismo, por sua vez, tornou a matéria hegemônica, contribuindo para o reducionismo de algumas posições científicas. Tais fatos, apesar de reforçarem o desenvolvimento tecnológico, levaram à fragmentação da realidade e das disciplinas, impactando também o sentido da vida (Sommerman, 2006).

A transdisciplinaridade surge então como uma alternativa de rompimento com esse isolamento e fragmentação, buscando a construção de uma nova perspectiva de ciência. As primeiras críticas dos estudiosos da transdisciplinaridade, realizadas na década de 1970, estavam voltadas para o padrão disciplinar do conhecimento (Bernstein, 2001). Essas críticas fizeram com que os pesquisadores sociais começassem a buscar uma análise humanista aberta à pluralidade conceitual, destacando-se em seus estudos a linguística, a psicanálise, a hermenêutica, entre outros. Nesse sentido, sobressaem-se as mudanças de perspectiva trazidas pelos filósofos franceses Foucault, Ricouer, Derrida e Deleuze, os alemães Habermas, Gadamer e Heidegger, e o inglês Wittgenstein (Pasquale, 2011).

Havia uma preocupação também com as questões epistemológicas e com o planejamento das futuras universidades e dos programas educacionais. Na década de 1990 esse assunto retorna, mas não somente no campo da educação, pois passa a envolver áreas como ciência, tecnologia, problemas e políticas sociais e as artes (Bernstein, 2001).

Nota-se que, embora não exista um consenso em relação ao conceito (Jahn, Bergmann, & Keil, 2012), a transdisciplinaridade pode ser entendida como o que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas e para além de todas as disciplinas. A finalidade da transdisciplinaridade é compreender a complexidade do mundo atual e, para isso, torna-se fundamental superar a fragmentação disciplinar e resgatar a unidade do conhecimento, conforme foi descrito na síntese do Congresso Internacional de Locarno (Sommerman, 2006).

Dessa maneira, por meio de um trabalho conjunto, a transdisciplinaridade possibilita que estudiosos de diversos campos e distintas visões quebrem as barreiras existentes em seus paradigmas e deixem em aberto o campo das hipóteses para a compreensão do fenômeno estudado (Hazif-Thomas, Bouché, & Thomas, 2008).

Entretanto, segundo Morin (2011), a transdisciplinaridade hoje tem sido sinônimo de “indisciplinar”, pois a ciência, como uma instituição burocratizada, que possui uma série de princípios, reluta a qualquer questionamento de seus padrões e regras, afirmando não ser científico tudo o que não está conforme ao modelo considerado válido.

Nesse sentido, restam dúvidas se a pesquisa qualitativa também não se prendeu no interior das “paredes” das disciplinas, já que não se visualizam muitos estudos que apresentam uma abordagem transdisciplinar. Assim, quem opta pela realização de uma pesquisa qualitativa sob essa perspectiva se vê diante de vários impasses. Como evitar que uma teoria se transforme em uma “camisa de força”? Como estabelecer um diálogo entre várias teorias se, por vezes, a própria metodologia limita esse diálogo?

Conforme explica Chizzotti (2003, p. 221), a palavra “qualitativa” sugere um forte compartilhamento com os sujeitos, os fatos e os locais que “constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. A partir dessa perspectiva, entende-se que “uma pesquisa qualitativa não pode mais perder de vista a totalidade complexa do conhecimento estratificado” (Galeffi, 2009, p. 27). Desse modo, verifica-se que esse tipo de pesquisa não se constitui e, tampouco, se esgota em um único referencial.

Diante desses questionamentos e considerações, consideramos a epistemologia de González Rey como uma das alternativas para a construção de estudos transdisciplinares. Certamente é possível apontar vários pontos comuns entre os estudos de Rey (2003, 2005a, 2005b, 2011, 2012) e os debates atuais sobre a transdisciplinaridade. Neste artigo, abordaremos os conceitos de transdisciplinaridade discutidos por Nicolescu (1999) e o entendimento de complexidade de Morin (2005), destacando no trabalho de González Rey alguns aspectos que se alinham à Carta de Transdisciplinaridade e à síntese do Congresso Internacional de Locarno. Assim, partimos do pressuposto de que a construção de estudos transdisciplinares pode ser facilitada pela Epistemologia Qualitativa de González Rey, pois essa aponta um caminho para aqueles que buscam formas de fazer ciência que sejam alternativas ao modelo hegemônico vigente.

Em busca de caminhos para a construção de uma nova ciência

De acordo com Sommerman (2006), o reducionismo, o mecanicismo, o ceticismo, o subjetivismo, o relativismo e o criticismo foram correntes epistemológicas frequentes no século XX. Antes dessas, outras posições já tinham se apresentado, como o racionalismo, o empirismo e o positivismo. Essas posições epistemológicas, ao se tornarem predominantes, impactaram o campo do conhecimento considerado como verdadeiro.

Buscando romper com esses modos regulatórios de visualizar a realidade, começam a surgir novos debates sobre a ciência que até então estava sendo construída, como os realizados no Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Esse evento aconteceu em Portugal, no ano de 1994, reunindo 62 participantes, de 14 países, que acordaram sobre a “Carta de Transdisciplinaridade”. Os artigos desse documento, direcionados para a atitude transdisciplinar do pesquisador e do indivíduo, sinalizaram para a aquisição de uma nova visão de mundo, demonstrando como a relação sujeito-objeto no processo de conhecimento é contrária à perspectiva positivista que direciona o paradigma da ciência moderna (Alvarenga, Sommerman, & Alvarez, 2005).

Posteriormente, em 1997, foi realizado na Suíça o Congresso Internacional de Locarno. Nesse evento, foram definidos três pilares metodológicos da pesquisa transdisciplinar (complexidade, níveis de realidade e lógica do terceiro incluído) e também sete eixos básicos para o desenvolvimento da

transdisciplinaridade (Sommerman, 2006). A síntese do Congresso Internacional de Locarno tinha como objetivo fazer com que a universidade no futuro resgatasse a missão de promover um estudo universal, considerando a complexidade. Outro objetivo foi levar aos reitores das instituições de ensino superior as proposições do congresso, uma vez que a universidade não representa apenas um lugar de aprendizados de conhecimentos, mas também um local de cultura, de arte, de espiritualidade e de vida. E o que se nota, conforme descrito nessa síntese, é que salvo algumas universidades do mundo, a transdisciplinaridade não estava presente nas estruturas e programas das instituições. Os participantes do Congresso Internacional de Locarno propuseram então a organização de uma frente de trabalho para debater a importância da transdisciplinaridade em diversos países.

Em 2005, a segunda edição do Congresso Mundial de Transdisciplinaridade foi realizada no Brasil, com um número ainda maior de participantes, 370 no total, totalizando 17 países. Esse evento gerou o documento “Mensagem de Vila Velha/Vitória”, no qual os participantes enfatizaram a importância de “recordar, valorizar, ampliar e contextualizar” a “Carta da Transdisciplinaridade”, além de aprofundarem o debate sobre os três pilares que foram definidos no Congresso Internacional de Locarno (Alvarenga et al., 2005).

Além dos conteúdos discutidos nos eventos supracitados, os pensamentos de dois autores contribuíram para o debate e a construção de uma abordagem transdisciplinar. O primeiro é Basarab Nicolescu (1999), cuja obra *O Manifesto da Transdisciplinaridade* apresenta em linhas gerais a conceituação de transdisciplinaridade e também debate como a ciência não deveria se prender àquilo que é reconhecido como verdadeiro. Para o autor, baseado na lógica da física quântica, e ao contrário dos axiomas da ciência moderna, há um terceiro termo T que pode ser A e também não-A ao mesmo tempo, contrapondo-se à lógica binária e excludente. Nicolescu tem exercido uma forte influência nos estudos transdisciplinares sendo o presidente do Congresso Internacional de Locarno e também membro fundador e presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (CIRET), associação criada em 1987 que atualmente envolve 176 pesquisadores de trinta e um países com objetivo de realizar pesquisas transdisciplinares (CIRET, n.d.).

Outro autor de grande importância, como destacam Castro e Turato (2007), é o francês Edgar Morin, que tem trabalhado de forma ativa

concepções abrangentes sobre a complexidade e a transdisciplinaridade. Morin, assim como Nicolescu, é membro fundador do CIRET, sendo atualmente um dos conselheiros administrativos dessa associação. Conforme lembra Martínez (2005), é por meio da tradução das suas principais obras para o português que Morin tem colaborado na difusão e no desenvolvimento da teoria da complexidade no Brasil.

Morin (2011) trata sobre a questão da complexidade no mundo em que formas de simplificar são cada vez mais determinantes, levando ao que ele chama de “paradigma de simplificação”. Ou seja, na atualidade o que se vivencia são os princípios de disjunção, de redução e abstração. Assim, para esse autor, a aceitação do complexo pode contribuir para as pesquisas que serão desenvolvidas, visto que se evita a fragmentação e a redução do objeto durante a elaboração da pesquisa científica.

Ressalta-se que tanto os documentos extraídos dos congressos citados acima quanto os autores abordados trouxeram contribuições interessantes para a ciência da atualidade. É a partir desses estudos que analisaremos o trabalho de González Rey, que compartilha deste olhar sobre a complexidade e a transdisciplinaridade.

A complexidade e a subjetividade para González Rey

Sommerman (2006) afirma que durante o século XX algumas teorias pedagógicas, psicológicas e científicas promoveram o crescimento de metodologias ativas e globalizadoras e também das abordagens inter e transdisciplinares, a partir do estabelecimento de uma maior conversação entre os saberes e os sujeitos das distintas disciplinas. Entre os autores dessas teorias está Vygotsky, um dos estudiosos que influenciou González Rey na construção da sua epistemologia qualitativa, inclusive sendo o autor base para a elaboração do seu conceito de subjetividade, abordado no livro *Sujeito e subjetividade* (Rey, 2005b).

De acordo com Rey (2011), Vygotsky, assim como Rubinstein, entendia o social como um processo cultural e fundamental para a constituição da psique. Esses estudiosos foram os criadores da perspectiva histórico-cultural no campo da psicologia (Martínez, 2005) e os precursores no rompimento da dicotomia externo/interno e social/individual, entendimentos necessários para a elaboração do conceito da subjetividade (Rey, 2011). Além desses autores, Rey (2011) enfatiza que sua epistemologia qualitativa está embasada no marxismo, na epistemologia

histórica francesa, nos trabalhos de Feyerabend e na teoria da complexidade. Gomez, Rey e Cardona (2017) destacam que Feyerabend trouxe interessantes contribuições, como, por exemplo, demonstrar que a ciência representava apenas um fragmento da vida. Também entendia o método como produção do conhecimento e não o utilizava para um reducionismo instrumental.

Segundo Martínez (2005), a noção de complexidade inserida em alguns pensamentos de González Rey, por meio de conceitos e teorias, não tem na sua origem um desdobramento da teoria de Morin, ou mesmo de outros estudiosos reconhecidos por trabalhar com a ideia de complexidade. A gênese do trabalho do autor estaria embasada no pensamento dialético, a partir da leitura dos fundadores da perspectiva histórico-cultural. Ainda, para Martínez (2005), o importante é observar a profunda influência de Hegel e Marx nos trabalhos de Vygotsky e Morin, o que justificaria certa convergência e pontos de contato entre esse segundo autor e González Rey.

Para Morin (2011), o pensamento complexo contempla o máximo possível as formas simplificadoras de pensar, sem, entretanto, ser mutilador, redutor, unidimensional e enfático em uma simplificação que se vê como reflexo do que existe de verdadeiro na realidade. Por outro lado, o autor acredita que a complexidade não pode ser confundida com o ceticismo de Feyerabend, autor que também influenciou os estudos de González Rey.

Rey (2011, p. 30) tenta buscar outras formas que possibilite a “criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana”, ou seja, complexa. Nota-se, nessa citação, uma preocupação do autor em não fazer um enquadramento limitador do objeto, restringindo suas possibilidades, alinhando-se, desse modo, com a ideia de pensamento complexo de Morin (2011).

Para Morin (2011), a palavra complexidade também implica confusão, incerteza e desordem. Essa explicação demonstra como é complexo o que não se pode retratar em poucas palavras, o que não se consegue limitar a uma lei, tampouco a uma ideia simples. Portanto, “a complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra solução” (p. 5).

No primeiro momento, “a complexidade é um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas”. Mas, em um segundo instante, podemos compreender a complexidade como “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo

fenomênico” (Morin, 2011, p. 13).

Assim, a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos. Mas a complexidade não se reduz à incerteza, *é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados*. Ela diz respeito a sistemas semialeatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem. A complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem (pobre e estática) reina no nível das grandes populações e a desordem (pobre, porque pura indeterminação) reina no nível das unidades elementares. (Morin, 2011, p. 35)

Dessa maneira, o complexo está relacionado ao fato que não se consegue criar uma lei e inventar uma ordem absoluta, mas também tem alguma relação com o lógico, ou seja, com o fato de não ser possível impedir as contradições. Falar em complexidade implica dizer que existe “a impossibilidade de unificar, a impossibilidade de conclusão, uma parcela de incerteza, uma parcela de indecidibilidade e o reconhecimento do confronto final com o indizível” (Morin, 2011, p. 97). No entanto, isso não quer dizer que a complexidade é um relativismo absoluto.

De acordo com Rey (2003, p. 37), a complexidade é fundamental para trabalhar o tema subjetividade, visto que “a subjetividade cumpre muitas das características gerais pelas quais se define um sistema complexo”. Ao escolher trabalhar com a subjetividade, o autor encontra na complexidade o caminho para o desenvolvimento de tal perspectiva.

O tema subjetividade é adotado a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece “coisificada” em nenhum tipo de entidade, nem de invariante universal da natureza humana, mas que se expressa como um sistema complexo em constante avanço, que constitui o sujeito concreto e, por sua vez, é constituída por aquele de forma permanente, por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (Rey, 2011, p. viii).

Assim, para Rey (2012, p. 137), “a subjetividade é um macroconceito que integra os complexos processos e formas de organização psíquicos envolvidos na produção de sentidos subjetivos”. Ao trabalhar o seu conceito de subjetividade, o autor entende que a mente não se separa da história, da cultura e da vida social do sujeito. Desse modo, a emoção transforma-se com os registros simbólicos, fazendo com que o sujeito não somente se adapte ao contexto no qual está inserido, mas também elabore sobre o mundo em que vive (Rey

& Torres, 2017).

Por apresentar-se como um sistema complexo, a subjetividade está sempre ligada à tensão da ruptura, sendo imprevisível quanto aos seus modos de expressão singular, já que não há relação linear, tampouco isomórfica, entre comportamento e configuração subjetiva (Rey, 2003). Destaca-se aqui que, ao se discutir sobre a subjetividade, a configuração subjetiva é um caminho para romper com a fragmentação de temas sobre o desenvolvimento psíquico que se restringem ao intelectual, à moral, à sexualidade, entre outros (Rey & Martínez, 2017).

Nesse sentido, ressalta-se que a Carta da Transdisciplinaridade em seu primeiro artigo diz que “qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de o dispensar em estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar”. Sob esta perspectiva, Rey (2011) se destaca ao considerar as diferenças que existem entre os sujeitos estudados. Ao trabalhar o sujeito como singularidade, esse é identificado de modo único e diferenciado na constituição subjetivada. Dessa maneira, o autor propõe um afastamento da pesquisa experimental comportamentalista que não vê entre os indivíduos diferenças que possam influenciar o comportamento estudado.

Negar o indivíduo como singularidade subjetivamente constituída é ignorar a complexidade da subjetividade, a qual se constitui simultaneamente em uma multiplicidade de níveis, que podem ser contraditórios em si, mas de cujo funcionamento dependem os diferentes momentos do desenvolvimento subjetivo. As subjetividades social e individual representam dois níveis que participam na manifestação qualitativa do subjetivo, mas que também apresentam, dessa maneira, períodos de tensão e contradição atuando como motor da elaboração das duas instâncias da subjetividade. Portanto, a subjetividade é estabelecida em unidades complexas, envolvidas de maneiras distintas com o sistema subjetivo total, ou seja, no arranjo distinto do sujeito concreto e nos diferentes níveis da subjetividade social (Rey, 2011).

Rey (2011) ainda destaca que, quando consideramos os aspectos epistemológicos, a pluralidade em termos qualitativos dos processos subjetivos e a imensa complexidade dos processos envolvidos em sua composição não podem ser entendidos a partir das respostas simples dos participantes da pesquisa que emergem do uso de instrumentos padronizados. Portanto, estudar a subjetividade implica inserir-se nos modos profundamente complexos de manifestação do sujeito e progredir na elaboração do conhecimento por caminhos que não são lineares e tampouco explícitos

no objeto de estudo do pesquisador. Os problemas na pesquisa que envolvem a subjetividade somente poderão ser explorados a partir das emaranhadas construções teóricas que possibilitam acompanhar “as evidências complexas e indiretas do estudado nas expressões diferenciadas, contraditórias e em constante desenvolvimento do sujeito” (Rey, 2011, p. 40).

Em seu estudo qualitativo sobre a subjetividade, Rey (2011, p. 48) está preocupado, portanto, com a explanação e o entendimento dos complexos processos que formam a subjetividade. Não existem, para o autor, “a predição, a descrição e o controle”, aspectos que são de interesse nas pesquisas hegemônicas. Para o autor, somente o reconhecimento histórico possibilita romper com a fascinação objetivista que procura entender a subjetividade a partir dos elementos constantes da vida social da pessoa. Ou seja, torna-se necessário analisar os processos gerados do sentido, que estão inseridos no sistema subjetivo, e não considerá-los como resultado instantâneo de uma influência externa. Destaca-se, dessa maneira, que o autor lida o tempo todo com a desordem, a incerteza e a impossibilidade de conclusão, características que emergem das pesquisas de campo, modificando o próprio entendimento hegemônico do que seria realidade.

Encontros e desencontros: discutindo o conceito de realidade

Quando se debate a questão dos estudos transdisciplinares, outro ponto que merece uma discussão mais detalhada é o conceito de realidade. Nesse sentido, destacamos que os autores citados neste artigo entendem a realidade a partir de pontos de vista distintos. Iniciaremos a apresentação das diferenças a partir de Morin (2011).

Para esse autor, foi Descartes que elaborou a perspectiva da disjunção no Ocidente, afastando o sujeito que pensa (*ego cogitans*) da coisa entendida (*res extensa*). Ou seja, separou a filosofia e a ciência, transformando em verdade as ideias “claras e distintas”, em um pensamento disjuntivo. A disjunção também distanciou por completo a física, a biologia e a ciência do homem.

Para remediar essa disjunção, ocorreu uma outra simplificação. O complexo foi reduzido ao simples, tanto em termos do biológico ao físico quanto do humano ao biológico. Dessa forma, a superespecialização pode esmigalhar e dividiu a trama complexa das realidades, criando a ilusão de que o corte feito do real seria o próprio real (Morin, 2011).

Entretanto, esse caminho fragmentou os seres e os entes, compreendendo como realidades apenas as fórmulas e as equações que regulavam as entidades quantificadas. Por isso, o pensamento simplificador não consegue compreender a existência do uno e do múltiplo. Assim, “ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade”. Portanto, o princípio da simplicidade distancia o que está unido – disjunção – ou agrega o que é diferente – redução (Morin, 2011, p. 12).

Para Morin (2005, 2011), quando se tem o senso de complexidade, existe o senso de solidariedade, a partir da ligação de conceitos que estabelecem uma disputa entre si. Nesse sentido, é importante ter o entendimento multidimensional de toda realidade, em que se devem respeitar as distintas dimensões de um fenômeno estudado. Portanto, “a aspiração à totalidade é uma aspiração à verdade, e o reconhecimento da impossibilidade da totalidade é uma verdade muito importante” (Morin, 2011, p. 97).

Já Nicollescu (1999, pp. 30-31) concebe por realidade “aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas”. Ainda segundo o autor, “dois níveis de realidade são diferentes se, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade). ... isto não impede os dois mundos de coexistirem”. Conforme posto na Carta de Transdisciplinaridade, em seu segundo artigo, reconhecer que existem vários níveis de realidade, conduzidos por lógicas diversas, é o esperado de uma atitude transdisciplinar. Ou seja, a abordagem transdisciplinar está fundamentada no entendimento de níveis de realidade (Nicollescu, 2009).

Assim, de acordo com Nicollescu (1999, p. 63), conseguimos alcançar os diferentes níveis de realidade devido aos diferentes “níveis de percepção”, que se encontram em uma ligação biunívoca com os níveis de realidade. “Esses níveis de percepção permitem uma visão cada vez mais geral unificante, englobante da realidade, sem jamais esgotá-la completamente”.

Nota-se que embora González Rey não discuta, nas referências aqui citadas, o rompimento das leis e dos conceitos, “os níveis de percepção” desse autor se aproximam do entendimento de realidade proposto por Nicollescu (1999). Destaca-se também, nas obras de Rey (2005a, 2005b, 2011, 2012), a compreensão multimensional da realidade, conforme apresentado por Morin (2011). Tudo isso faz com que González Rey desenvolva um trabalho que busca não simplificar

o objeto e tampouco reduzir os sujeitos envolvidos nas pesquisas.

A complexidade representa a construção de um tipo de representação teórica que reconhece a infinidade e a complexidade da realidade a ser conhecida e que se orienta no sentido da produção de sistemas teóricos capazes de acompanhar tal complexidade, sem a pretensão de construir receitas ou fórmulas que terminem novamente reproduzindo a simplicidade de ao se reificar – e que impeçam o surgimento sempre criativo de nossos problemas de estudo. A complexidade é uma epistemologia que tem, em suas categorias atuais, as ferramentas possíveis, que têm permitido aos diferentes autores gerar visibilidade sobre essa nova zona de sentido que a representação complexa tem aberto para a ciência; porém, mais importantes que as categorias concretas propostas nesse marco, são a representação geral sobre a realidade que a complexidade nos transmite e as suas consequências para a construção científica e para a emergência de sistemas de categorias e representações diferentes, capazes de enfrentar os novos momentos da ciência atual. (Rey, 2003, pp. 36-37)

Desse modo, em se tratando de realidade, ao longo de todo o seu trabalho, o autor vai na contramão dos princípios da ciência moderna, pois, de acordo com Rey (2011), pensar que a realidade está fechada nas conclusões existentes é uma tendência já inserida nos modos de pensamento hegemônicos, que tem levado à dogmatização de várias teorias.

Para Rey (2011), a teoria é um processo vivo, que está em constante desenvolvimento e construção. Essa não está acabada ou é estática, ou seja, precisa ganhar sentido nas distintas informações que advêm do momento de produção do conhecimento. Assim, quando a teoria se estabelece como um marco imutável, acaba-se tornando em uma doutrina que leva à dogmatização de seus princípios. Portanto, durante o processo interpretativo, a teoria é um instrumento importante para o estudioso. Isso não significa que a teoria necessita representar um conjunto de categorias previamente definidas, que conseguem abarcar as singularidades e imprevistos do estudo. Ela representa um aspecto da elaboração teórica, sendo que esse processo não deve estar subordinado de forma alguma a um esquema geral.

Alinhada a esse pensamento, a Carta da Transdisciplinaridade faz uma crítica a qualquer tipo de dogma ao ressaltar que a transdisciplinaridade não é uma nova religião, filosofia, metafísica, ou uma ciência das ciências. Morin (2011, p. 15), outro crítico contundente da dogmatização em seus estudos sobre a complexidade, afirma que “a doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem”.

Assim, para Morin (2005, p. 335), a teoria não deve ser vista como o próprio conhecimento, pois ela possibilita o conhecimento. A teoria tampouco é uma chegada, mas sim a alternativa de partida. É por meio da teoria que há uma possibilidade de estudar um problema, e não necessariamente a sua solução. Assim, “uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo método seu papel indispensável”, possibilitando dessa maneira uma visão diferenciada na elaboração do conhecimento.

Um outro olhar na produção do conhecimento

De acordo com Morin (2011), nos países do Ocidente o sujeito é considerado como “tudo-nada”. Ou seja, nada ocorre sem o sujeito; por outro lado, ele é excluído de tudo. O sujeito é a base de toda a verdade, entretanto, também é considerado como “ruído” e falha frente ao objeto. É dessa noção de sujeito que González Rey tenta se desvincular em seus trabalhos, desenvolvendo o seu conceito de subjetividade, conforme destaca Martínez:

Foi o próprio processo de desenvolvimento da Teoria da Subjetividade que aguçou, no autor, a preocupação epistemológica e metodológica quanto à procura de novos caminhos para a produção de conhecimentos em relação à subjetividade. Isso o levou a mergulhar na produção e nos debates filosóficos e epistemológicos contemporâneos, no encontro do paradigma da complexidade tal como formulado na atualidade. Esse encontro foi frutífero para a elaboração de suas concepções epistemológicas, resultando em uma influência importante na *Epistemologia qualitativa*, concepção esta proposta por González Rey (1997) para estudar e compreender a subjetividade humana. (Martínez, 2005, p. 13)

Dessa maneira, para Rey (2011), a elaboração de novas epistemologias, capazes de sustentar mudanças profundas no desenvolvimento de formas alternativas de produzir conhecimento nas ciências sociais, requer a construção de representações teóricas que permitam aos pesquisadores ter acesso a novas “zonas de sentido” sobre o tema pesquisado, sendo que essas não são possíveis de serem elaboradas pelos métodos hegemônicos.

Assim, a ciência é subjetividade, e não apenas racionalidade como se pensa. Esta também expressa a completude do caminho da vida da pessoa, como a emoção, a individualização e a contradição que se manifestam por meio de sujeitos individuais e que

têm suas experiências realizadas de modo singular. Desse modo, o social aparece no caminho dos indivíduos estabelecidos em uma sociedade e uma cultura distinta (Rey, 2011).

Para Rey (2011), o estudo da subjetividade implica romper com as dicotomias características das pesquisas nas ciências humanas, que, como lembram Gómez e Jaramillo (2011), historicamente são reconhecidas como contraditórias e incompatíveis. Assim o autor alinha-se também à transdisciplinaridade ao propor a superação de várias divisões, como o social \times individual, o interno \times eterno, o afetivo \times cognitivo e o intrapsíquico \times o interativo. Em se tratando do social \times o individual, por exemplo, o social constitui o individual, assim como o individual constitui o social, em uma dialética constante. Aqui podemos perceber o princípio da recursividade de Morin (2011, p. 75), ou seja, “é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causa e produtores do que os produz”.

Rey (2011) faz também lembrar a lógica do terceiro incluído de Nicolescu (1999), visto que o indivíduo não precisa ser estudado somente a partir do seu “social” ou “individual”. Como colocado no Congresso Internacional de Locarno, a transdisciplinaridade busca avaliar as duas pontas do bastão, ou seja, o homem interior e o homem exterior, que estão unidos por um terceiro termo que a transdisciplinaridade se esforça para entender. Esse terceiro termo, sob a perspectiva de Rey, talvez possa ser entendido como a constante dialética existente no conflito entre social e individual. Como afirma Martínez (2005), é difícil querer que exista sempre uma ordem, em termos de regularidade, se consideramos a dinâmica profundamente singularizada da subjetividade, tornando impossível a padronização na sua elaboração teórica.

Dessa maneira, para entender a ciência como construção distinta de indivíduos com caminhos singulares, é fundamental resgatar o espaço que o pesquisador ocupa no centro da pesquisa como sujeito de reflexão e também a posição central do teórico na elaboração científica (Rey, 2011).

A ciência, ao requerer que o pesquisador se mantenha distante e controle a sua subjetividade, desconsidera “o caráter interativo e subjetivo do nosso objeto, o qual é condição de sua expressão comprometida na pesquisa. Sem implicação subjetiva do sujeito pesquisado, a informação produzida no curso do estudo perde significação e, portanto, objetividade” (Rey, 2011, p. 28).

Para Rey (2011), a pesquisa, portanto, não é um processo que possui regularidade, tampouco é descontínua. Durante o processo de pesquisa novos problemas e desafios são criados com frequência pelo pesquisador. Esse afasta-se da construção de uma linha rígida na qual são organizadas as distintas etapas do processo, e guia-se pelas suas ideias, instituições e opções, que estão inseridos no complexo tecido do estudo. Entretanto, o destaque no papel ativo do pesquisador não reduz o entendimento da posição do próprio objeto do conhecimento, que também é ativo, participando desse processo muito mais do que o pesquisador supõe.

Ainda nesse debate, Morin (2011, p. 44) acrescenta que a epistemologia precisa refletir sobre a consciência do pesquisador como objeto do conhecimento, ou seja, “um metaponto de vista, como no caso em que uma metalinguagem se constitui para considerar a linguagem feita objeto”. Esse metaponto de vista precisa também possibilitar “a autoconsideração crítica do conhecimento, enriquecendo ao mesmo tempo a reflexividade do sujeito conhecedor”. Na ciência hegemônica o entendimento de sujeito é mal interpretado, visto que, como tudo é determinado, não existe sujeito, tampouco consciência e autonomia. Assim, segundo o autor:

Qualquer sistema de pensamento é aberto e comporta uma brecha, uma lacuna em sua própria abertura. Mas temos a possibilidade de ter metapontos de vista. O metaponto de vista só é possível se o observador-conceptor se integrar na observação e na concepção. Eis porque o pensamento da complexidade tem necessidade da integração do observador e do conceptor em sua observação e em sua concepção. (Morin, 2011, p. 76)

De acordo com Rey (2011), o pesquisador deve elaborar ideias no decorrer da produção científica, em um processo contínuo que possui períodos de associação e encandeamento de sua própria reflexão, sem referências que podem ser identificáveis durante a produção do conhecimento. Já a epistemologia positivista não assume esse nível teórico da pesquisa, visto que para essa o cenário da ciência é determinado no momento empírico.

Dessa maneira a relação entre o estudioso e o participante da pesquisa é fundamental na construção do trabalho. A interatividade é uma dimensão fundamental durante a elaboração de conhecimentos, ou seja, uma qualidade indispensável no processo das pesquisas que envolvem sujeitos (Rey, 2011).

Portanto, a comunicação na pesquisa qualitativa possibilita imputar uma posição diferenciada do

pesquisador e dos participantes da pesquisa. Além de ser um sujeito participante, o estudioso é um sujeito intelectual presente ao longo de todo o estudo. Desse modo, ele não fica restrito às relações, mas também constrói ideias a partir do momento que emergem elementos no cenário estudado, que são confrontados com os participantes, estabelecendo um processo que leva a outros níveis de elaboração teórica. Essa está presente de forma contínua no processo empírico e não se limita às informações advindas dos instrumentos. O estudioso utiliza a produção teórica como uma etapa do processo geral de elaboração de conhecimento (Rey, 2011).

Assim, o pesquisador e o seu relacionamento com os participantes do estudo ganham destaque na pesquisa, sendo que os instrumentos abandonam o lugar principal. Além disso, o participante da pesquisa apresenta uma posição fundamental, sem figurar em uma “entidade objetiva homogeneizada pelo tipo de resposta que deve dar, mas é reconhecido em sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão, relacionada com a qualidade de seu vínculo com o pesquisador” (Rey, 2011, p. 57).

Rey (2011) lembra que a metodologia embasada no positivismo tende a simplificar o objeto de estudo. Isso implica que o problema seja concreto para que ocorra a definição das variáveis que serão utilizadas e que estejam aptas a correlações estatísticas, ou que possibilitarão replicar o experimento em situações análogas. Consequentemente, o cientificismo, ao reduzir a complexidade do real em variáveis mensuráveis, faz com que a realidade prática seja omitida de forma frequente (Hess, 2009).

Portanto, “o problema não representa uma entidade concreta coisificada, mas um momento na reflexão do pesquisador, que lhe permite identificar o que deseja pesquisar e que pode aparecer em uma primeira aproximação de forma difusa e pouco estruturada”, ou seja, não apresenta a “ordem” tão defendida pelos funcionalistas. Desse modo, na pesquisa qualitativa, esse não precisa ser definido no começo do trabalho, visto que os outros momentos da pesquisa não estão subordinados a ele. O problema apenas demonstra o primeiro passo na elaboração daquilo que se busca estudar. Esse é uma construção em desenvolvimento, que será elaborado na direção de novas e distintas maneiras. Ou seja, ao contrário da pesquisa quantitativa, ele não implica a resposta de um determinado questionamento no encerramento do estudo (Rey, 2011, p. 72).

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa é um processo contínuo de elaboração de conhecimento, nos quais os resultados apresentam-se parcialmente e

se associam firmemente em novos questionamentos, permitindo outras possibilidades de produção de conhecimento. “Cada resultado está imerso em um campo infinito de relações e processos que o afetam, nos quais o problema inicial se multiplica em infinitos eixos de continuidade da pesquisa”. O problema na pesquisa qualitativa torna-se a cada momento mais complexo, levando a zonas de sentido daquilo que está investigado e que não eram previsíveis no início do trabalho (Rey, 2011, pp. 72-73).

Por último, cabe ressaltar que assim como o problema, os instrumentos de pesquisa também não são definidos *a priori*, cabendo a esse pesquisador ativo decidir quais e como serão utilizados no decorrer da pesquisa, oferecendo mais possibilidades para o pesquisador entender o sujeito estudado (Rey, 2005a). Dessa maneira, os princípios epistemológicos apresentados possuem várias implicações metodológicas que possibilitam uma ruptura com o discurso hegemônico embasado no entendimento de uma pesquisa com um caminho rígido e com etapas que não podem ser alteradas (Rey, 2003).

Considerações finais

Após a análise de algumas obras de González Rey, podemos afirmar que o seu pensamento apresenta convergências com a perspectiva transdisciplinar, sendo que seus trabalhos dialogam com pelo menos dois pilares metodológicos da transdisciplinaridade citados no Congresso Internacional de Locarno: a complexidade e a lógica do terceiro incluído. E apesar de não abordar a ruptura das leis e dos conceitos fundamentais, questões fundamentais na conceituação dos níveis de realidade, é possível ver nos estudos de González Rey uma aproximação em relação aos níveis de percepção. Esses são essenciais para atingir os distintos níveis de realidade, conforme posto por Nicolescu (1999) e discutido ao longo deste artigo.

Destaca-se que o congresso citado teve como tema o seguinte título: “Que Universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade”. A partir desse questionamento podemos perguntar qual universidade queremos para o futuro e como a pesquisa transdisciplinar poderá nos ajudar a romper com o nosso *status quo*, com as limitações impostas pelo “modo de fazer ciência” e com a busca incansável pela simplificação.

Em termos das limitações ao se fazer ciência, como enfatiza Hess (2009), existe uma tendência financista e pragmatista que defende de modo dogmático a redução da pesquisa para o atendimento

das encomendas e das palavras de ordem das agências de fomento e suas “(p)referências”. Isso traduz uma grande ignorância do que representa uma universidade cultural, histórica e construída de forma crítica.

Nota-se também que, ao romper com a dogmatização, González Rey possibilita ir além do que está no teórico, estabelecendo, dessa maneira, a conversa com outros saberes, fazendo da Epistemologia Qualitativa uma possibilidade para a realização de pesquisas transdisciplinares. Como lembra Martínez (2005), os estudos desse autor assumem um processo criativo do qual emergem a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, o vasto conhecimento da literatura científica em psicologia, filosofia, sociologia e linguística.

Destacamos também que os ensinamentos de Rey (2005a, 2005b, 2011, 2012) se voltam principalmente para o estudo da subjetividade. No entanto, consideramos que os caminhos de como se fazer ciência discutidos pelo autor podem ser utilizados para outros tipos de pesquisa. Ressalta-se ainda que os aspectos apontados são possibilidades dentro do universo de alternativas para a construção de estudos transdisciplinares de abordagem qualitativa. Nesse sentido, corroboram-se as afirmações de Rey (2011), pois essas propostas não necessariamente são as “melhores”, mas busca-se evitar os modismos científicos que se tornam “camisas-de-força” da produção do pesquisador.

Em relação aos estudos futuros, pode-se realizar uma revisão das principais publicações sobre a pesquisa qualitativa para se investigar como essas têm trabalhado os estudos transdisciplinares. A partir desse ponto, seria importante verificar quais foram os avanços da Epistemologia Qualitativa de González Rey no que se refere à transdisciplinaridade, quando comparada às demais pesquisas qualitativas.

Por fim, considerando que a transdisciplinaridade é ainda um assunto pouco explorado nas universidades do mundo, conforme colocado no Congresso Internacional de Locarno, contar com a Epistemologia Qualitativa de González Rey é um diferencial para que essa se torne mais presente nas instituições. Assim, partir de uma perspectiva transdisciplinar não significa que todos os problemas dos campos de saber serão resolvidos, ou que tampouco haverá resposta para todos os questionamentos, visto que tanto os sujeitos quanto as organizações são por si só complexos. Entretanto, as possibilidades de entendimento desses a partir da perspectiva aqui apresentada possibilita uma outra percepção dos objetos e fenômenos estudados, rompendo também com a fragmentação promovida pelos paradigmas hegemônicos.

Referências

- Alvarenga, A. T., Sommerman, A., & Alvarez, A. M. S. (2005). Congressos internacionais sobre transdisciplinaridade: reflexões sobre emergências e convergências de ideias e ideais na direção de uma nova ciência moderna. *Saúde e Sociedade, 14*(3), 9-29.
- Bernstein, J. H. (2001). Transdisciplinarity: A review of its origins, development, and current issues. *Journal of Research Practice, 11*(1), 1-20.
- Castro, J. R. G. & Turato, E. R. (2007). Discussão epistemológica da produção científica de programas de pós-graduação na área da saúde reprodutiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva, 17*(2), 321-342.
- Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires - CIRET. (n.d.). Recuperado de <http://ciret-transdisciplinarity.org/members.php>
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação, 16*(2), 221-236.
- Galeffi, D. (2009). O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave disciplinar. In R. Macedo, D. Galeffi, & A. Pimentel (Orgs.), *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas* (pp. 13-73). Salvador: EDUFBA.
- Gómez, C. A. P. & Jaramillo, F. L. O. (2011). Complejidad: una introducción. *Ciência & Saúde Coletiva, 16*(Supl. 1), 831-836.
- Gómez, A. D., Rey, F. G., & Cardona, A. M. A. (2017). Pensar el método en los procesos de investigación en subjetividad. *Revista CES Psicología, 10*(1), 129-145.
- Hazif-Thomas, C., Bouché, C., & Thomas, P. (2008). L'apport de la transdisciplinarité pour les malades difficiles en psychiatrie du sujet âgé. *NPG Neurologie - Psychiatrie - Geriatrie, 8*(46), 43-49.
- Hess, R. (2009). Prefácio. In R. S. Macedo, D. Galeffi, & Á. Pimentel (Orgs.), *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas* (pp. 9-11). Salvador: EDUFBA.
- Jahn, T., Bergmann, M., & Keil, F. (2012). Transdisciplinarity: between mainstreaming and marginalization. *Ecological Economics, 79*, 1-10.
- Martínez, A. M. (2005). A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In F. L. G. Rey (Org.), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 1-25). São Paulo: Thomson Learning.
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2011). *Introdução ao pensamento complexo* (4ª ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Nicolescu, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- Nicolescu, B. (2009). Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade. Recuperado de <http://cettrans.com.br/assets/textos/contradicao-logica-do-terceiro-incluido-e-niveis-de-realidade.pdf>
- Pasquale, M. A. (2011). De la historia de las ideas a la nueva historia intelectual: retrospectivas y perspectivas. Un mapeo de la cuestión. *Revista UNIVERSUM, 28*(1), 79-92.
- Rey, F. L. G. (2003). Prefácio. In *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. V-VIII). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- Rey, F. L. G. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rey, F. L. G. (2005b). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rey, F. L. G. (2011). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Rey, F. L. G. (2012). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rey, F. L. G. & Martínez, A. M. (2017). El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. *Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano*, 13(2), 3-20.
- Rey, F. L. G. & Torres, J. F. P. (2017). La epistemología cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Conversación con Fernando González Rey. *Revista de Estudios Sociales*, 60, 120-127.
- Sommerman, A. (2006). *Inter ou Transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus.

Submissão em: 03/07/2016

Revisão em: 16/10/2017

Aceite em: 06/11/2017

Agradecimentos

À FAPEMIG (PPM 00198-17) e ao CNPQ (Processo nº. 309593/2015-8) pelo apoio aos projetos que deram origem a esse artigo.

Juliana de Fátima Pinto é doutoranda em Administração pelo Centro de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD/UFMG). Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (2013), especialista em Gestão Empresarial pela Faculdades Integradas Espírito-Santenses (2011), graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Federal de Viçosa (2007).

Endereço para correspondência: Avenida Hugo Viola, 211, apto 201. Bloco E - Residencial Granville. Jardim da Penha. Vitória/ES, Brasil. CEP 29060-420.

E-mail: jufapinto@gmail.com

Ana Paula Paes de Paula é pós-doutorada em Administração pela EAESP-FGV (2005), doutora em Ciências Sociais pelo IFCH-UNICAMP (2003) e mestre em Administração Pública e Governo pela EAESP-FGV (1998). Realizou formação teórica em Psicanálise no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) (2009-2014) e foi professora residente do IEAT-UFMG (2014-2015). Atualmente é professora titular da FACE-UFMG, além de Colaboradora do PPG-ADM UFES. É coordenadora do Núcleo de Estudos em Participação e Subjetividade (NEPS) e do Observatório de Práticas Participativas (OPP).

E-mail: appp.ufmg@gmail.com